

Teoria Psicanalítica, Trabalho Multidisciplinar e Realidade Latino-Americana

Allan Castelnuovo

Com a publicação deste texto, Percurso afirma o seu interesse em difundir produções psicanalíticas vindas de lugares e culturas menos conhecidas em nosso meio. Fazendo circular estes textos, teremos mais contribuições para pensar não só como diferentes sociedades produzem teorias diferentes (e o que haveria de ideológico nelas), mas também como produzem subjetividades diferentes. O psiquismo, tecido dentro de uma determinada sociedade, em um determinado momento de sua história, carrega em suas produções - tanto a científico/tecnológica como a da subjetividade - as marcas da época e do lugar em que se dá. Isto nos ajuda a pensar em uma psicanálise não fechada - não completa - produzindo e sendo produzida. É um convite para participar mais ativamente deste processo.

A intelectualidade europeia viveu um momento muito especial nos fins do século passado e nos princípios deste. Como disse Freud: "todo cidadão do mundo civilizado criou para si um Parnaso especial, assim como uma Escola de Atenas especial" ⁽¹⁾. A percepção de que tal paraíso cultural havia sido construído sobre um vulcão foi intensa e coletivamente negada, chegando-se inclusive ao absurdo da aristocracia russa assistir à ópera de Leningrado enquanto no Instituto Smolny era instalado o quartel general bolchevique. A superioridade cultural, moral e étnica não constituía uma questão ⁽²⁾, e a vivência de ser cidadão de um Olimpo era como uma verdade absoluta. As baixas paixões eram consideradas próprias do subdesenvolvimento psicológico, habitan-

do um Isso ^(N.T.1) que até gramaticalmente evidenciava a segregação, o atraso econômico e a inferioridade étnica, como expressa o seguinte parágrafo: "Estávamos preparados para que a humanidade se visse ainda por muito tempo envolvida em guerras entre países primitivos e civilizados, entre as raças diferenciadas pela cor da pele, e inclusive entre povos menos evoluídos da Europa. Mas, das grandes nações da

Allan Castelnuovo

Psicanalista, membro da Sociedade Psicanalítica Equatoriana.

Trabalho originalmente apresentado no colóquio da Sociedade Peruana de Psicanálise sobre o texto de Freud "O interesse pela Psicanálise", em Lima, 1990.

Tradução: Kitty Haasz e Noemi Moritz Kon

raça branca, senhoras do mundo, a quem tem cor-respondido a direção da Humanidade, as quais sabíamos estarem cuidando dos interesses mundiais, às quais se devem os progressos técnicos no domínio da Natureza bem como os mais altos valores culturais, artísticos e científicos, destes povos esperávamos que soubessem resolver de outras formas suas diferenças e conflitos de interesse”⁽³⁾.

Este texto foi publicado por Freud em 1915, dois anos depois de “O Múltiplo Interesse da Psicanálise”, e a sua transcrição tem como objetivo reconstruir o pensamento de todo um meio intelectual, a partir do qual o próprio Marx afirmaria que a Alemanha e a Inglaterra viriam a ser os países pioneiros da revolução socialista, e que os operários industriais da Grã-Bretanha não podiam se dedicar à filosofia e às artes por culpa do trabalho alienante.

Neste contexto nasceu a psicanálise, que pelas suas características científicas, melhor se adequava ao espírito da época, pois até então as explicações da conduta humana vinham quase exclusivamente de filósofos e psiquiatras, que aderiam às teorias de degeneração e da herança. Não é de se estranhar que o Parnaso se agitasse, a favor ou contra, e que muitos profissionais de vanguarda a acolhessem como a abertura para um mundo novo de conhecimentos, que lhes permitiria o enriquecimento de suas próprias disciplinas. O modernismo não era compatível com neuroses tratadas em balneários termais, nem com uma educação influenciada pelos conceitos do pai de Schreber.

Se, como opinava Freud, a

data de nascimento da psicanálise estava demarcada pela publicação de *A interpretação dos Sonhos* (1900), o artigo que motiva nosso presente trabalho, “Múltiplo Interesse da Psicanálise”, é fruto da puberdade de nossa disciplina, que já completou seus noventa anos, com todos os benefícios da sabedoria acumulada, e também com os riscos da rigidez. Hoje, transcorrido tanto tempo, aconteceram muitas coisas, e a psicanálise não é mais uma novidade. Considerando-se que grande parte dos psicanalistas latino-americanos encontram-se do outro lado da rua na ótica de classi-

**Aquilo que considero
como uma ferramenta
poderosa não é a teoria
psicanalítica, mas o
pensamento psicanalítico.**

ficação de Freud (civilizado-primitivo, branco-não branco), atrevo-me a propor uma revitalização do trabalho acima mencionado.

Primeiramente, assinalaria que o interesse dos cientistas sociais na psicanálise não alcançará os níveis desejados enquanto os psicanalistas não se interessarem pelos objetos de estudo e pelas problemáticas de tais disciplinas. Interessar-se é estudar suas realidades e conceitualizar a partir dessa experiência, ao invés de uma aproximação etnocêntrica, deformadora da realidade, utilizando um esquema teórico pré-estabelecido, oriundo de um con-

texto histórico-social diferente. Por exemplo, penso que seria muito difícil sociólogos e antropólogos que não estejam contaminados por situações transferenciais virem a se interessar por explicações da cultura ou condutas sociais a partir de uma teoria pulsional que considera tais forças (pulsionais) como emergentes de estimulações endossomáticas.

Pessoalmente, sou otimista quanto ao futuro da psicanálise na América Latina, pois considero que dispomos de uma ferramenta poderosa e encontramos enraizados no contexto histórico-social apropriado. Mas seria perigoso deixar na ambigüidade esses dois últimos conceitos. Aquilo que considero como uma ferramenta poderosa não é a teoria psicanalítica, mas sim o pensamento psicanalítico, aquilo que Freud descreveu como “explorar, resolver enigmas, descobrir uma parte da verdade”⁽⁴⁾. Aqueles que têm experiências terapêuticas com integrantes das comunidades indígenas, ou com a população urbana marginal que frequenta hospitais públicos, dificilmente deixarão de se sentir desorientados frente às dificuldades para enquadrar tais pacientes na teoria psicanalítica clássica, na nosografia habitual da neurose e psicose, isto sem pensar no questionamento de certos aspectos técnicos. Toda esta problemática requer pesquisas e conceitualizações em uma teoria mais ampla do que aquela de que dispomos atualmente.

Nossa localização geográfica e histórica, a necessidade de superar tanto a desvalorização como a idealização indigenista, nossa condição de latino-ameri-

canos, colocam-nos em uma posição privilegiada para a investigação e o desenvolvimento da teoria psicanalítica. A miscigenação cultural e étnica permite-nos somar o pensamento ocidental, o contato com o americano, a nossa vivência pessoal e a experiência clínica. Somos também bicéfalos em relação à repressão, à submissão e à desvalorização do autócotone, já que, como intelectuais valorizados em nossa terra e como “sudakas” (N. T. 2) para o primeiro mundo, transitamos nos dois lados. Essa dupla identidade nos dá a experiência do objetivo e do subjetivo no terreno de muitos fenômenos psicológicos. Mas é muito difícil para alguém, que tem acesso à cultura dentro de um meio impregnado por vários séculos de experiência e de idealização do colonialismo, excluir-se de uma visão do universo profundamente enraizada e deformada pela institucionalização da relação submetedor-submetido, e transferir-se posteriormente para o universo das instâncias e fenômenos psicológicos considerados primitivos. Isto pode ser detectado em muitos estudos psicanalíticos, tanto naqueles relativos ao superdimensionamento da importância do parricídio em detrimento do filicídio, quanto em certas descrições das fantasias destrutivas do lactante, que guardam curiosa semelhança com as visões das administrações coloniais em relação às atitudes dos povos submetidos.

Nossa inclusão no conjunto mundial das nações, enquanto cidadãos de países subdesenvolvidos, bem como nossa pertinência a uma classe média profissional na estrutura sócio-econômica, colocam-nos em uma posição que

mantém certa semelhança com o pré-consciente. Manejamos a informação e os códigos da instância superior, e nossa praxis permite-nos escutar e colocar em palavras as representações inefáveis do processo primário. Podemos, então, observar o até agora não visto, e dizer o até agora não dito.

O encontro precário da psicanálise com outras disciplinas já vem de longa data, sendo mútua a responsabilidade pelo que aí ocorre, já que a ideologia industrial tem nos levado a adotar posturas e convicções que diminuem ou degradam nossa capacidade terapêutica e renovadora. O modelo

O modelo fabril–produtivo de divisão do trabalho, equivocadamente aplicado às ciências sociais, leva-nos a supor a fragmentação como intrínseca ao objeto estudado.

fabril–produtivo de divisão do trabalho, que equivocadamente vem sendo aplicado às Ciências Humanas, condiciona a divisão destas em múltiplos compartimentos e sub-compartimentos estanques, que, como disse Devereux, “empobrecem a todos solidariamente”, levando-nos a supor a fragmentação como sendo intrínseca ao fenômeno estudado. O trabalho interdisciplinar, interno e externo, poderia tornar-se um paliativo para esta atomização. Mas sem a ampliação e a modificação de nosso marco teórico, esse encontro torna-se difícil.

Entre os obstáculos a uma

correta leitura da realidade, bem como para a interação com outras disciplinas, referir-nos-emos a três, considerados aqui entre os mais importantes: os mitos da origem somática, individual e privada das pulsões, o mito do “homem-ilha”, e o mito da organização psicológica única e independente do contexto social.

O tema da fonte das pulsões não tem sido muito desenvolvido, não tendo despertado grande interesse entre os psicanalistas. Talvez isso se justifique pela hipótese de que a excitação somática teria mais a ver com a primeira teoria pulsional (fome e sexo), na qual se tornava fácil encontrar a correlação entre a modificação fisiológica e a aparição do impulso. Posteriormente, Freud modificou este esquema e o recolocou em um nível de integração superior. No entanto, manteve o mesmo critério utilizado no par anterior, no que diz respeito às fontes. A partir de então, Eros se aproximava dos processos anabólicos e Tanatos dos catabólicos.

Esta hipótese, qualificada por seu autor como “nossa mitologia”, foi criticada dentro e fora da psicanálise. Não obstante, a clínica detecta a existência de condutas (base empírica) passíveis de, posteriormente, serem remetidas a uma pulsão (termo teórico). Isto aceito, o problema da fonte leva a dois caminhos diametralmente opostos: um, o tradicional, que considera a pulsão como um estímulo para o psíquico proveniente do interior do organismo; o outro pressupõe que as pulsões têm sua origem na quantidade e qualidade da organização indiferenciada primária.

No primeiro caso o impulso, seja ele libidinal ou tanático, tem

origem individual, sendo produzido por fatores fisiológicos. Isto, posteriormente, vai obrigar a postular - conforme faz consistentemente a escola kleiniana - uma série de sub-entidades de origem congênita (inveja, tendência à esquizofrenia). É este o corolário lógico da concepção do recém-nascido como um sistema fechado, cuja relação posterior com o mundo externo implicaria supor a existência de forças internas impulsionando na busca do objeto. Clinicamente, esta hipótese faz com que uma série de condutas sejam interpretadas como originais de um indivíduo, levando a omitir a pré-história vincular, e podendo levar a uma confusão entre agredido e agressor. No caso da interação com outras disciplinas, a concepção do homem isolado produz uma série de dificuldades na análise dos fenômenos grupais e sociais.

No segundo caso, a pulsão pode ser considerada como o resultante da experiência sincrética primitiva, estrutura descrita por diversos autores, que adotam diferentes denominações que não impedem uma aproximação na sua caracterização (simbiose primária para Mahler, narcisismo primário para Kohut e sincretismo primário para Bleger). Este caminho permite um melhor intercâmbio com os outros cientistas sociais, bem como uma compreensão melhor e mais operativa de nossos pacientes, embora conduza necessariamente a uma reformulação da teoria clássica do narcisismo primário⁽⁵⁾. O narcisismo primário deixaria de resultar do posicionamento inicial da libido no Ego (Freud, 1914) ou no Isso (Freud, 1923). É a estrutura inicial, sincrética e

transpessoal, que gera as pulsões, sendo as características desta experiência original que determinam a força e qualidade da pulsão libidinal ou tanática.

O conceito de indivíduo, entendido como um ser humano que nasce absolutamente isolado e cujo desenvolvimento é uma progressiva conexão com o meio, é muito mais uma posição filosófica do que uma realidade clínica. Tanto a idéia freudiana de que "originalmente o ego abarca tudo e posteriormente desprende de si um mundo exterior" como os trabalhos de Mahler, Ribble, Fairbairn e Bleger orientam-nos em uma direção totalmente opos-

**É a estrutura inicial,
sincrética e transpessoal
que gera as pulsões.**

ta, pois o recém-nascido é aí visto como participando de uma estrutura indiferenciada e pluripessoal, podendo, em uma cultura urbano-industrial, dela diferenciar-se ao longo de seu desenvolvimento.

A hipótese do homem isolado distorce a observação clínica, pois ativa no paciente os níveis arcaicos indiferenciados que obrigam à elaboração de entidades tais como a identificação projetiva ou a contra-identificação projetiva, transações estas que buscam, antes de mais nada, descrever a discriminação circunstancial entre analista e analisando

do, sem, é claro, abandonar a concepção de que ambos são sistemas fechados.

Na medida em que nos distanciamos dos setores intelectuais urbanos, e defrontamo-nos com uma quantidade e intensidade maiores de fenômenos sincréticos, surgem-nos várias alternativas: 1- multiplicar as hipóteses secundárias que apoiem a idéia de um homem-ilha: 2- restringirmo-nos à área social de interação onde o conceito de ser humano como sistema fechado está menos vulnerável. 3- recorrer ao princípio da navalha de Ockham, e buscar conceitualizar uma realidade mais ampla e diferente daquela que nos ensinaram.

A hipótese de uma sociabilidade sincrética é mais facilmente aceita em comunidades étnicas camponesas, onde o homem, a família, a comunidade e a cultura formam um mega-sistema incompreensível em uma observação isolada das partes. Os projetos de nutrição infantil do governo equatoriano não obtiveram o êxito desejado, sob o ponto de vista urbano-industrial, pois o leite em pó era distribuído de acordo com o consumo de calorías, sendo o núcleo familiar tomado como um organismo. O fenômeno da indiscriminação se evidencia de múltiplas formas, e este seria um lugar pouco adequado para sua enumeração. Mas, só a título de curiosidade, tome-se no idioma quíchua a tendência ao uso indiscriminado do plural para quaisquer supostos indivíduos, bem como a inexistência da conjunção "e".

A aceitação deste ponto de vista nos leva a diferenciar pelo menos duas modalidades organizativas, qualitativamente

diferentes, da estrutura psicológica. O mito de um modelo único de aparelho mental entra em contradição com os nossos próprios conhecimentos da história da medicina. Dela provêm descrições detalhadas da epilepsia, da melancolia, da histeria, mas não da esquizofrenia, quadro que foi diferenciado do resto das doenças mentais em 1850, sendo que apenas em 1911 recebeu uma identidade psicopatológica plena. Este fato pode ser atribuído à inadequada observação clínica dos excelentes semiólogos do passado ou à tardia aparição do quadro clínico.

Laplatin propõe que é a cultura que vai determinar as formas dos quadros psicopatológicos, e que os elementos que caracterizam o psicótico são os mesmos existentes em seus conterrâneos tidos como normais, só que em maior intensidade. Minha proposta é complementar a esta, pois tendo a afirmar que a própria estrutura de personalidade difere qualitativamente nos dois contextos. A sociedade tradicional agrária e a assim chamada “personalidade ambígua” são co-emergentes, constituindo sub-sistemas integrados em um sistema maior. Tal organização de personalidade foi descrita por Bleger ⁽⁶⁾, e suas características a tornam uma entidade mais grupal e cultural do que individual, pois não ocorre um processo precoce de discriminação. A unidade de análise neste tipo de cultura deve ser grupal, familiar ou comunitária, podendo ser descrita como uma organização psicológica transpessoal possuidora de outro sentido de realidade, bem como de outra normalidade e patologia. Este tema foi desenvolvido em conjunto com

Duncan Pedersen em “Mecanismos de Doença e Cura na Medicina Tradicional”.

Alguns elementos levam a questionar a aceitação da hipótese de um nível indiferenciado primário de organização psicológica e de sua persistência no adulto. Nossa condição de produtos sociais, imersos em uma cultura que faz da individualidade uma norma, nos distorce a percepção de unidades maiores que transcendiam os limites físicos do sujeito. Também é preciso tomar em consideração a problemática subjetiva que se origina do fato de que nossas aquisições estruturais, bem como nossa cosmovisão, or-

Nossa condição de produtos sociais distorce nossa percepção de unidades maiores, que transcendem os limites físicos do sujeito.

ganizaram-se a partir de uma clivagem sólida: o sincretismo primário teve que ser posto de lado. O próprio Freud não se sentia suficientemente cômodo diante da possibilidade de perda de limites, como podemos notar com R. Rolland procurando interessá-lo pelas experiências de indiferenciação (misticismo e sentimento oceânico). Para justificar seu repúdio à abordagem de tais fenômenos, Freud recorre a um fragmento de uma poesia de Schiller: “Regozije-se aquele que aqui em cima respira, na rósea luz!” ⁽⁷⁾. A resistência é mais evidente se lembrarmos que o referi-

do poema é intitulado “O mergulhador”, e que a frase é uma advertência de um jovem que retorna providencialmente depois de mergulhar nos monstruosos abismos marinhos. A estrofe completa ilustra ainda mais as ansiedades que podem ser mobilizadas na exploração do sincretismo primário ou secundário (núcleo psicótico):

“Regozije-se aquele que aqui em cima respira, na rósea luz!

lá em baixo, ao contrário, é horrível

e o homem não deve desafiar os deuses

e nunca, nunca anseie por olhar

o que eles ocultam com trevas e terror.”

Por outro lado, a cultura urbano-industrial propicia outro tipo de desenvolvimento: na sexta semana de vida, instala-se a situação triangular, sendo a criança retirada da indiscriminação primária. Este processo não é instantâneo, nem total ou perfeito. O acesso à segunda tópica implica em tempo e condições necessárias para uma discriminação eu/não-eu, mundo externo/mundo interno bem como a internalização de estruturas psicológicas. Esta discriminação é efetuada às custas da indiscriminação original, que felizmente nunca é totalmente erradicada, permanecendo no adulto em uma interação permanente com as novas aquisições estruturais. É preciso esclarecer que os fracassos neste desenvolvimento podem vir a constituir o que alguns autores denominaram de “núcleo psicótico” ou “parte psicótica” da personalidade.

O que aqui está proposto não deve ser interpretado como se o “day after” da Revolução Indus-

trial tivesse produzido uma mudança radical do aparelho psíquico. É difícil determinar a origem do processo de discriminação. Talvez a Atenas cosmopolita e comercial, preocupada com a diferenciação entre os “mitos” e o “logos”, possa aparecer como um marco importante. O pensamento emergente desta nova organização psicológica é o determinante de um longo processo tecnológico que eclode na Revolução Industrial, cujas instituições oficializam e difundem.

O fenômeno da passagem de uma cultura agrária para uma industrial implica uma desorganização, não apenas social e cultural, mas também psicológica, pois seus protagonistas não são indivíduos autônomos e sim fragmentos de unidades maiores, confrontando-se com o dilema de reconstruir o perdido na nova situação ou então sucumbir. No primeiro mundo, esta transculturação acompanhou o ritmo das paulatinas mudanças sociais e tecnológicas, até que, com a erupção industrial do fim do século XVIII e a concomitante necessidade de mão-de-obra, produziu-se a conversão de grandes contingentes de camponeses em operários industriais, tendo como conseqüência toda a problemática correspondente⁽⁸⁾. Em nosso continente, importador da mudança, o processo foi muito mais rápido; muitas vezes não foi determinado pela demanda de trabalho industrial, e sim pelo fracasso das economias rurais. Estes movimentos sociais configuram um terceiro setor psicopatológico, com características próprias, por nós denominado “patologia da transição”, na qual predominam a atuação psicopática (violência, al-

coolismo, delinqüência) e as doenças somáticas. Seguín descreveu no Peru, faz algum tempo, um quadro clínico do migrante da serra que desce à costa.

Tenho plena consciência de que, dada a complexidade do tema e o espaço aqui disponível, incorri em um maniqueísmo simplificador. O que tento deixar claro é que existem duas modalidades de desenvolvimento psicológico: uma delas pode ser caracterizada como intra-narcísica, ligada à sociedade agrária, à família ampliada, à não-diferenciação self/não-self, à onipotência e à presença de uma estrutura psicológica transpessoal; a outra, extra-

**O fenômeno da
passagem da cultura
agrária para
a industrial implica
uma desorganização
social, cultural
e psicológica.**

narcísica, ligada à cultura urbano-industrial, à situação triangular precoce, à família nuclear, à segunda tópica e à capacidade de simbolização.

O desenvolvimento de todo ser humano implica a presença dos dois processos em diferentes proporções, dependendo de sua cultura. A realidade clínica por nós encontrada em nosso continente configura a manifestação deste espectro; entre os extremos constituídos de um lado pelas personalidades ambíguas, e de outro pelas personalidades discriminadas, podemos observar um amplo e polimorfo campo de transição.

Até o presente momento e graças a um grupo não muito grande de autores (Freud, Fenichel, FairBairn, Mahler, Spitz, Ribble, Kohut, Searles, Bleger, etc) que colaboraram parcial ou totalmente no estudo do tema, podemos dizer que possuímos a ponta do novelo. Seu desvendamento requer um sério trabalho interdisciplinar; esta tarefa deve ser realizada para que, daqui a setenta e sete anos, existam bisnetos analistas que possam continuar se preocupando com o “múltiplo interesse da psicanálise”.

Notas:

1- “Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte”, 1915.

2. O planisfério difundido universalmente (projeção Mercator) é um teste projetivo que mostra esta cosmovisão. A linha equatorial se encontra no terço inferior, e a Europa (9,7 milhões de Km²) aparece ligeiramente maior que a América do Sul (17,8 milhões de Km²).

N.T.1 - Em espanhol *Ello*

3- “Consideraciones...”

4- Carta a R. Rolland de 13-5-1926.

N.T.2 - Termo depreciativo para referir-se aos sul-americanos.

5- Castelnuovo, A. “Pulsiones y narcisismo, su reformulación”, Buenos Aires, *Revista de Psicoanálisis*.

6- Bleger, J. *Simbiosis y ambigüedad*, Buenos Aires, Paidós, 1984.

7- “El Malestar en la Cultura”, 1928.

8- Encontram-se amplamente documentados os transtornos que a revolução industrial produziu nos novos habitantes das urbes. Baseado em estatísticas confiáveis da cidade de Londres a respeito da morbi-mortalidade por tuberculose, de 1795, McKeon sustenta que o decréscimo da curva que apresenta esta doença até os dias de hoje não é produto dos desenvolvimentos da medicina (pneumotórax, antibióticos), mas sim fruto do afastamento da revolução industrial. Por isto, este conhecido sanitarista, sem influências psicanalíticas, postula que as mudanças bruscas de estilo de vida produzem aumento da morbi-mortalidade do grupos afetados.